

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
21 e 24 de Junho de 2022

THE EARTH DIES SCREAMING / 1964

Um filme de Terence Fisher

Realização: Terence Fisher / Argumento: Harry Spalding (sob o pseudónimo Henry Cross) / Direcção de Fotografia: Arthur Lavis / Direcção Artística e Cenários: George Provis / Guarda-Roupa: Jean Fairlie / Música: Elisabeth Lutyens / Som: Buster Ambler / Montagem: Robert Winter / Interpretação: Willard Parker (Jeff Nolan), Virginia Field (Peggy Hatton), Dennis Price (Quinn Taggart), Thorley Walters (Edgar Otis), Vanda Godsell (Violet Courtland), David Spenser (Mel Brenard), Anna Palk (Lorna Brenard), etc.

Produção: Lippert Films / Produtores: Robert L. Lippert e Jack Parsons / Cópia: Digital, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 62 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

The Earth Dies Screaming é um equivalente britânico das fantasias apocalípticas mais ou menos alegóricas que abundaram na ficção científica americana dos anos 50 e 60. O argumento mistura diversos elementos reconhecíveis (a morte súbita, a invasão extra-terrestre) como um “pot pourri” que não tem à partida nada de muito original, mas talvez a referência (ou a pilhagem...) mais directa, a das personagens que estando inicialmente do lado dos “bons”, se “zombificam” e passam a estar sob o controlo dos invasores, seja a **The Invasion of the Body Snatchers**, o filme de Don Siegel que ainda não tinha dez anos quando se estreou o de Terence Fisher. De resto, como nesse filme, o substracto político 100% Guerra Fria surge mitigado, emudecido sem explicitação, mas certamente não deixaria de ressoar nas cabeças dos espectadores contemporâneos. O grande medo que anima o fundo de **The Earth Dies Screaming** é, para não variar, o de uma guerra devastadora, complementado com o tema da invasão e da ocupação pelo inimigo, que aqui são extra-terrestres sem cara visível, que se passeiam em fatiotas de astronautas (ou numa versão muito “low budget” do que em 1964 se imaginava ser uma fatiota de astronauta). Atendendo a que em 1964 se tinham passado menos de duas décadas sobre o fim da II Guerra, esse aspecto – o da invasão, que a insularidade do Reino Unido permitiu então, nos anos 40, evitar – é particularmente interessante, visto que corresponde a um fantasma, por todas as razões, bastante britânico. A ambientação do filme de Fisher em cenários naturais (os campos e as aldeias do Surrey) traz à memória um notável filme de Humphrey Jennings feito durante a guerra, **The Silent Village**, que também em paisagens naturais (embora no País de Gales) imaginava, nos mesmos contornos de um realismo quase “documental”, a ocupação nazi das terras britânicas. Ainda que muito mais abstracto, e de certa forma muito mais inócuo, também **The Earth Dies Screaming** (porquê este título? Talvez apenas porque soasse bem: no filme, a Terra não morre e muito menos grita, aliás o trabalho sobre o silêncio é um dos seus aspectos interessantes) se dedica à exploração deste grande horror britânico que é o de ver um exército estrangeiro a passear-lhe nas ruas (a maior parte dos outros países europeus lida com isso com um saber de experiência feito, para os ingleses é mais complicado...).

É um filme invulgar na obra de Terence Fisher tal como principalmente a conhecemos. Correspondeu a um período em que Fisher, depois de uma série de obras primas de “gothic horror”,

opulentamente coloridas, feitas para a Hammer (como, neste mesmo ano de 1964, **The Gorgon**, um dos melhores Fishers, e em tudo, nos temas, no estilo e nos valores de produção, diametralmente oposto a **The Earth Dies Screaming**), ia alternando o seu trabalho para esse estúdio disponibilizando-se a ser um realizador “for hire”, um realizador “de aluguer”, para outros produtores. Foi assim que aceitou a encomenda do produtor Robert Lippert, que vinha da escola dos “quota quickies” (o equivalente britânico da Série B americana) e lhe propôs dirigir, por um orçamento baixíssimo, esta fantasia de ficção científica.

Da fraqueza da produção, como é habitual nos bons realizadores, Fisher fez forças. Se não vale a pena perder muito mais tempo com as incidências narrativas (que são assim um bocadinho fajutas, tão fajutas como os efeitos especiais ou o guarda-roupa extra-terrestre) convém frisar a que ponto Fisher consegue criar, a partir de nada ou de muito pouco (o que lá estava: ruas, paisagens, casas), um ambiente extraordinariamente tenso, uma sensação de medo palpável. Toda a abertura é extraordinária, com os planos das nuvens do céu (acompanhados por outra das estranhezas do filme: a partitura, completamente a leste dos estereótipos da “música de cinema”, da compositora Elisabeth Lutyens), os movimentos de câmara, e depois a rápida sucessão de planos que são como a instalação da morte (ou são “planos-instalação” da morte) na pacata paisagem rural inglesa: aviões que caem, comboios que descarrilam, automóveis que chocam, gente que cai estendida no chão e ali fica. A morte chegou e ficou; só depois chegam, então, aqueles que serão os protagonistas, aqueles que foram poupados pela morte estão, portanto, obrigados a ficar num mundo “esvaziado” de seres humanos. A imaginação desse mundo “vazio”, independentemente das peripécias mais ou menos incríveis, é a grande força do filme, o seu princípio e o seu fim: num fecho abrupto (com toda a brusquidão da Série B), os sobreviventes partem de avião (para onde?...) à procura de outros sobreviventes que compensem o insuportável vazio humano em que o mundo se tornou.

Luís Miguel Oliveira